

Hume e a retomada do empirismo

Resumo

Filosofia moderna: Teoria do conhecimento

Na filosofia moderna surge uma grande área da filosofia denominada teoria do conhecimento, que busca responder, fundamentalmente, as seguintes questões: Qual é a fonte do conhecimento humano? Quais os limites do conhecimento humano? O que é possível conhecer? Surgem, então, duas correntes de pensamento para responder essas questões trazidas pela teoria do conhecimento: O racionalismo, representado principalmente pelo pensamento do filósofo, matemático e físico francês René Descartes (1596-1650) e o empirismo, representado principalmente pelo filósofo, historiador e ensaísta britânico David Hume (1711-1776).

David Hume e o empirismo

O filósofo empirista David Hume é um pensador cético, ou seja, ele duvida que possa haver qualquer conhecimento indubitável. Assim, o entendimento humano possui limites bastante estreitos, afinal de contas estamos submetidos aos sentidos e aos hábitos, o que nos leva a produzir conhecimentos que, na melhor das hipóteses, são apenas prováveis, mas nunca certezas absolutas. Hume questiona o princípio de causalidade, bem como a metafísica existente na sua época.

O ceticismo é uma corrente de pensamento existente desde os antigos e é retomada pelo pensamento moderno, notadamente no campo da teoria do conhecimento. Em linhas gerais, ceticismo é justamente a dúvida ou suspeita sobre todo e qualquer tipo de conhecimento. O cético, portanto, é aquele que duvida da possibilidade do conhecimento verdadeiro, restando-nos apenas, como dissemos acima, conhecimentos prováveis. O ceticismo humeano nasce na medida em que ele defende que todo conhecimento humano provém das experiências que temos através de nossos sentidos. Não há, seguindo esse ponto de vista, uma razão pura capaz de encontrar uma base sólida para um conhecimento inquestionável ou indubitável. Se, portanto, o conhecimento provém da experiência (tese empirista), e a experiência sensível é variável, logo nenhum conhecimento pode ter uma pretensão universal de validade.

O conhecimento, segundo Hume, deriva sempre de percepções individuais, que podem ser impressões ou ideias. A diferença entre impressões e ideias é apenas o grau de vivacidade com o qual afetam nossa mente. De um lado, as impressões são percepções originárias e que, por isso mesmo, são mais vivas, como por exemplo, ver, ouvir, sentir dor, etc. De outro lado, as ideias são percepções mais fracas por serem derivadas, por serem “pálidas cópias” das impressões. Desse esquema conceitual podemos concluir que, segundo David Hume, não há ideias inatas em nossa mente, isto é, ideias que teriam nascido conosco e que seriam, portanto, independentes da experiência. Toda ideia que existe em nossa mente é derivada das nossas impressões.

Há, no entanto, ideias complexas, que nascem da associação entre ideias através da nossa imaginação. Assim, se combinamos em nossa mente a ideia de lobo, por exemplo, com a ideia de homem, podemos formar a ideia de "lobisomem". Por fim, a crítica à noção de causalidade é uma parte importante do pensamento de Hume sobre o qual devemos estar atentos. Para que a noção de causalidade (conexão necessária entre dois fenômenos) pudesse ser considerada como válida seria preciso haver uma impressão anterior que lhe desse origem. No entanto, para Hume, não há nenhuma impressão correspondente à noção de causalidade.

Isso significa, então, que as relações de causalidade entre fenômenos se referem ao nosso hábito de pensarmos esses fenômenos como ligados um ao outro, mas não a uma relação real entre objetos externos a nós. O exemplo mais famoso que Hume utiliza para explicar essa teoria é o seguinte: Por mais que sempre tenhamos associado o nascer de um novo dia ao nascimento do sol, por mais que isso sempre tenha ocorrido até o dia de hoje, isso não significa que essa conjunção de fenômenos seja necessária. Nada garante a necessidade do surgimento do sol no dia de amanhã.

Assim, o máximo que podemos alcançar, do ponto de vista do conhecimento, é uma grande probabilidade de que um evento ocorrerá ou não ocorrerá, mas nunca podemos extrair uma certeza, dado que não existe nenhum conhecimento à priori, isto é, independente de nossa experiência sensível. Entretanto, nossos hábitos e crenças nos fazem formular supostas leis e supostas conexões necessárias entre eventos que, em última análise, são apenas sucessões de fatos e sequência de eventos sem nenhum nexos causal. Por termos habitualmente observado esses fenômenos se sucederem acreditamos que eles ocorrerão novamente, o que não é garantido segundo o filósofo escocês.

Quer ver este material pelo Dex? Clique [aqui](#)

Exercícios

1. TEXTO I

Experimentei algumas vezes que os sentidos eram enganosos, e é de prudência nunca se fiar inteiramente em quem já nos enganou uma vez.

DESCARTES, R. *Meditações Metafísicas*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

TEXTO II

Sempre que alimentarmos alguma suspeita de que uma ideia esteja sendo empregada sem nenhum significado, precisaremos apenas indagar: de que impressão deriva esta suposta ideia? E se for impossível atribuir-lhe qualquer impressão sensorial, isso servirá para confirmar nossa suspeita.

HUME, D. *Uma investigação sobre o entendimento*. São Paulo: Unesp, 2004 (adaptado).

Nos textos, ambos os autores se posicionam sobre a natureza do conhecimento humano. A comparação dos excertos permite assumir que Descartes e Hume:

- a) defendem os sentidos como critério originário para considerar um conhecimento legítimo.
- b) entendem que é desnecessário suspeitar do significado de uma ideia na reflexão filosófica e crítica.
- c) são legítimos representantes do criticismo quanto à gênese do conhecimento.
- d) concordam que conhecimento humano é impossível em relação às ideias e aos sentidos.
- e) atribuem diferentes lugares ao papel dos sentidos no processo de obtenção do conhecimento

2. Todo o poder criativo da mente se reduz a nada mais do que a faculdade de compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que nos fornecem os sentidos e a experiência. Quando pensamos em uma montanha de ouro, não fazemos mais do que juntar duas ideias consistentes, ouro e montanha, que já conhecíamos. Podemos conceber um cavalo virtuoso, porque somos capazes de conceber a virtude a partir de nossos próprios sentimentos, e podemos unir a isso a figura e a forma de um cavalo, animal que nos é familiar.

HUME, D. *Investigação sobre o entendimento humano*. São Paulo: Abril Cultural, 1995.

Hume estabelece um vínculo entre pensamento e impressão ao considerar que:

- a) os conteúdos das ideias no intelecto têm origem na sensação.
- b) o espírito é capaz de classificar os dados da percepção sensível.
- c) as ideias fracas resultam de experiências sensoriais determinadas pelo acaso.
- d) os sentimentos ordenam como os pensamentos devem ser processados na memória.
- e) as ideias têm como fonte específica o sentimento cujos dados são colhidos na empiria.

3. O texto abaixo comenta a correlação entre ideias e impressões em David Hume. Em contrapartida, vemos que qualquer impressão, da mente ou do corpo, é constantemente seguida por uma ideia que a ela se assemelha, e da qual difere apenas nos graus de força e vividez. A conjunção constante de nossas percepções semelhantes é uma prova convincente de que umas são as causas das outras; [...].
HUME, D. *Tratado da natureza humana*. São Paulo: Editora da Unesp/ Imprensa Oficial do Estado, 2001. p. 29.

Assinale a alternativa que, de acordo com Hume, indica corretamente o modo como a mente adquire as percepções denominadas ideias.

“pode silenciar o antagonista sem convencê-lo; e para nos darmos conta de sua força, precisamos dedicar-lhe um estudo tão intenso quanto o que foi necessário para sua invenção”.

- a) Todas as nossas ideias são formas a priori da mente e, mediante essas ideias, organizamos as respectivas impressões na experiência.
 - b) Todas as nossas ideias advêm das nossas experiências e são cópias das nossas impressões, as quais sempre antecedem nossas ideias.
 - c) Todas as nossas ideias são cópias de percepções inteligíveis, que adquirimos através de uma experiência metafísica, que transcende toda a realidade empírica.
 - d) Todas as nossas ideias já existem de forma inata, e são apenas preenchidas pelas impressões, no momento em que temos algum contato com a experiência.
4. Para Hume, portanto, a causalidade resulta apenas de uma regularidade ou repetição em nossa experiência de uma conjunção constante entre fenômenos que, por força do hábito, acabamos por projetar na realidade, tratando-a como se fosse algo existente. É nesse sentido que pode ser dito que a causalidade é uma forma nossa de perceber o real, uma ideia derivada da reflexão sobre as operações de nossa própria mente, e não uma conexão necessária entre causa e efeito, uma característica do mundo natural.

MARCONDES, Danilo. *Iniciação à história da filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 183.

De acordo com o texto e com os conhecimentos sobre causalidade em Hume, é correto afirmar:

- a) A experiência prova que a causalidade é uma característica do mundo natural.
- b) O conhecimento das relações de causa e efeito decorre da experiência e do hábito.
- c) A simples observação de um fenômeno possibilita a inferência de suas causas e efeitos.
- d) É impossível obter conhecimento sobre a relação de causa e efeito entre os fenômenos.
- e) O conhecimento sobre as relações de causa e efeito independe da experiência.

5. Leia o texto a seguir:

Certamente, temos aqui ao menos uma proposição bem inteligível, senão uma verdade, quando afirmamos que, depois da conjunção constante de dois objetos, por exemplo, calor e chama, peso e solidez, unicamente o costume nos determina a esperar um devido ao aparecimento do outro. Parece que esta hipótese é a única que explica a dificuldade que temos de, em mil casos, tirar uma conclusão que não somos capazes de tirar de um só caso, que não discrepa em nenhum aspecto dos outros. A razão não é capaz de semelhante variação. As conclusões tiradas por ela, ao considerar um círculo, são as mesmas que formaria examinando todos os círculos do universo. Mas ninguém, tendo visto somente um corpo se mover depois de ter sido impulsionado por outro, poderia inferir que todos os demais corpos se moveriam depois de receberem impulso igual. Portanto, todas as inferências tiradas da experiência são efeitos do costume e não do raciocínio.

HUME, D. Investigação acerca do entendimento humano. tradução de Anoar Aiex. São Paulo: Nova Cultural, 1999. pp. 61- 62.

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o pensamento de David Hume, é correto afirmar:

- a)** A razão, para Hume, é incapaz de demonstrar proposições matemáticas, como, por exemplo, uma proposição da geometria acerca de um círculo.
- b)** Hume defende que todo tipo de conhecimento, matemático ou experimental, é obtido mediante o uso da razão, e pode ser justificado com base nas operações do raciocínio.
- c)** É necessário examinar um grande número de círculos, de acordo com Hume, para se poder do raio desse círculo.
- d)** Hume pode ser classificado como um filósofo cético, no sentido de que ele defende a impossibilidade de se obter qualquer tipo de conhecimento com base na razão.
- e)** Segundo Hume, somente o costume, e não a razão, pode ser apontado como sendo o responsável pelas conclusões acerca da relação de causa e efeito, às quais as pessoas chegam com base na experiência.

6. Leia o texto a seguir:
- O principal argumento humano contra a explicação da inferência causal pela razão era que este tipo a experiência repetida. Em completo contraste com isso, o princípio defendido por nosso filósofo, um princípio para caracterizada pela sensibilidade à repetição, podendo assim ser considerado um princípio adequado à explicação dos raciocínios derivados de experiências repetidas.

MONTEIRO, J. P. *Novos Estudos Humeanos*. São Paulo: Discurso Editorial, 2003, p. 41

Com base no texto e nos conhecimentos sobre o empirismo, é correto afirmar que Hume,

- a) atribui importância à experiência como fundamento do conhecimento dedutivo obtido a partir da inferência das relações causais na natureza.
 - b) corrobora a afirmação de que a experiência é insuficiente sem o uso e a intervenção da razão na demonstração do nexos causal existente entre os fenômenos naturais.
 - c) confere exclusividade à matemática como condição de fundamentação do conhecimento acerca dos fenômenos naturais, pois, empiricamente, constata que a natureza está escrita em caracteres matemáticos.
 - d) demonstra que as relações causais obtidas pela experiência representam um conhecimento guiado por hábitos e costumes e, sobretudo, pela crença de que tais relações serão igualmente mantidas no futuro.
 - e) evidencia a importância do racionalismo, sobretudo as ideias inatas que atestam o nexos causal dos fenômenos naturais descobertos pela experiência.
7. David Hume (1711-1776) é um dos representantes do empirismo. Sua teoria sobre as ideias parte do princípio de que não há nada em nossa mente que não tenha passado antes pelos sentidos, portanto, as ideias vão se formando ao longo da vida. Dessa forma, Hume afasta-se do princípio da corrente racionalista ou inatista segundo a qual afirma que há ideias inatas em nossa mente. De acordo com o pensamento de Hume, é correto afirmar que.
- a) as percepções dos sentidos geram impressões e ideias.
 - b) as ideias que podem ser consideradas verdadeiras são as inatas.
 - c) as ideias fictícias são as que têm mais alto grau de ser.
 - d) as percepções dos sentidos nos enganam, por isso as ideias daí decorrentes são falsas.

8. A maneira pela qual adquirimos qualquer conhecimento constitui suficiente prova de que não é inato.

LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p.13.

O empirismo, corrente filosófica da qual Locke fazia parte,

- a) afirma que o conhecimento não é inato, pois sua aquisição deriva da experiência.
- b) é uma forma de ceticismo, pois nega que os conhecimentos possam ser obtidos.
- c) aproxima-se do modelo científico cartesiano, ao negar a existência de ideias inatas.
- d) defende que as ideias estão presentes na razão desde o nascimento.

9. A Nada pode parecer mais ilimitado que o pensamento humano, que está livre até mesmo dos limites da natureza e da realidade. Enquanto o corpo está confinado a um único planeta, o pensamento pode transportar-nos às mais distantes regiões do universo. Aquilo que nunca foi visto, pode assim ser concebido. Mas, um exame mais cuidadoso nos mostrará que esse poder criador da mente consiste meramente na capacidade de compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que os sentidos nos fornecem. Quando pensamos em uma montanha de ouro, estamos apenas juntando duas ideias consistentes, ouro e montanha, com as quais estávamos anteriormente familiarizados.

HUME, David. *Investigações sobre o entendimento humano*. 2004. Adaptado.

David Hume publicou *Investigações sobre o entendimento humano* em 1748. O excerto resume o conteúdo de sua filosofia:

- a) existencialista, que abrange a existência do ente humano na sua totalidade.
- b) transcendental, que define o espaço e o tempo como formas a priori.
- c) empirista, que deduz da experiência os princípios da razão.
- d) idealista, que confere o grau de certeza às ideias claras e distintas.
- e) racionalista, que considera os homens unidos pelo bom senso.

10. “Leia o texto a seguir:

Ao empreender a análise da estrutura e dos limites do conhecimento, Kant tomou a física e a mecânica celeste elaboradas por Newton como sendo a própria ciência. Entretanto, era preciso salvá-la do ceticismo de Hume quanto à impossibilidade de fundamentar as inferências indutivas e de alcançar um conhecimento necessário da natureza. Com base no pensamento de David Hume acerca do entendimento humano, é correto afirmar:

- a) Dentre os objetos da razão humana, as relações de ideias se originam das impressões associadas aos conceitos inatos dos quais obtém-se dedutivamente o entendimento dos fatos.
- b) As conclusões acerca dos fatos obtidas pelo sujeito do conhecimento realizam-se sem auxílio da experiência, recorrendo apenas aos raciocínios abstratos a priori.
- c) O postulado que afirma a inexistência de conhecimento para além daquele que possa vir a resultar do hábito funda-se na ideia metafísica de relação causal como conexão necessária entre os fatos.
- d) O sujeito do conhecimento opera associações de suas percepções, sensações e impressões semelhantes ou sucessivas recebidas pelos órgãos dos sentidos e retidas na memória.
- e) Pelo raciocínio o sujeito é induzido a inferir as relações de causa e efeito entre percepções e impressões acerca da regularidade de fenômenos semelhantes que se repetem na sucessão do tempo.

Gabarito

1. **E**

Os autores possuem opiniões divergentes no que tange à natureza do conhecimento humano. Para Descartes os sentidos não são confiáveis e a formação do conhecimento humano só pode ser baseado na razão, já para o filósofo, historiador e ensaísta escocês David Hume (1711-1776) eram os sentidos que determinavam o conhecimento e as “impressões” eram mais fortes que os pensamentos e ideias.

2. **A**

Hume era sentimentalista, e acreditava que a ética era baseada na emoção ou sentimento em vez de princípios morais. Disso decorre que as ideias surgem a partir de sensações.

3. **B**

De acordo com o empirismo defendido por David Hume, todas as ideias tem sua origem em impressões sensíveis, ou seja, são provenientes da nossa experiência. Portanto, nossas ideias não são formas a priori da mente, assim como não são cópias de percepções inteligíveis e não existem de forma inata, mas, como ressaltamos, são resultado de nossa experiência, como é afirmado na opção B.

4. **D**

Hume é um dos maiores críticos da famosa teoria da causalidade. Nesse sentido, de acordo com o seu pensamento, é impossível obtermos conhecimento sobre a relação entre causa e efeito entre os fenômenos.

5. **E**

A, B, C e D incorretas. O texto refere-se à relação causal entre os fenômenos. Hume acredita na possibilidade de conhecimento, entretanto, diz que todo o conhecimento é empírico, ou seja, passa primeiramente pela experiência, se torna impressão e depois ideia. As ideias são limitadas pois o entendimento e as experiências são limitadas.

E correta. Com base na experiência, vivenciando as causas de possíveis efeitos, retomamos o passado no presente. Este movimento torna possíveis as crenças, porque se instala em nossa imaginação de forma a nos enganar sobre os efeitos que, pela repetição, pensamos ter relação necessária com as coisas que os causam. No entanto, é o costume o grande guia da vida humana, e não há nenhuma relação necessária entre causa e efeito que não tenha nascido do hábito ou do costume.

6. **D**

A, B, C e E Incorretas. Para Hume não existe na razão e nem na natureza nenhuma regra de causalidade, ou de matemática, que valide as relações entre as coisas. Tais relações existem porque somos levados, pela experiência, a reconhecer a repetição e acreditar que ela se manterá. D Correta. As relações causais existem, segundo Hume, porque há o hábito de supor na repetição de fenômenos e acontecimentos esta relação, e ainda há a crença de que tais acontecimentos se repetirão sempre que as condições forem parecidas.

7. **A**

Hume entendia que o mundo só poderia ser conhecido através dos sentidos. Não acreditava que o conhecimento poderia ser inato, isto é, existir em nossa mente sem o contato com a realidade sensorial. Rompia assim com a tradição platônica e cartesiana, as quais pregavam o conhecimento do mundo apenas de forma racional e não empírica.

8. **A**

Essa questão é simples, mas exige interpretação de texto do candidato. Locke afirma que os conhecimentos não são inatos ou seja, o ser humano não nasce com eles e que isso é provado pela habilidade de adquirir qualquer conhecimento. Essa afirmativa elimina prontamente as alternativas B e D. Já a alternativa C está errada porque o empirismo, fundado, entre outros, por Locke, afirma que os conhecimentos são adquiridos por meio da experiência; já o método cartesiano privilegia a razão e o raciocínio lógico nesse processo. Assim, a alternativa correta é A.

9. **C**

Para David Hume, a experiência empírica está intimamente relacionada ao poder criador da mente e à produção do conhecimento. Nesse sentido, o que os homens fazem é "compor, transpor, aumentar ou diminuir os materiais que os sentidos nos fornecem", e a criação parte, então, daquilo que é conhecido, tangível e experienciável.

10. **D**

Correta. Na seção IV da Investigação acerca do entendimento humano, David Hume encaminha claramente o ataque à razão e à metafísica. Uma das questões cruciais da existência envolve o suceder dos acontecimentos. Hume afirma que a inferência e as analogias que fazemos em relação aos efeitos de causas semelhantes nas questões de fato não podem ser baseadas em nenhuma espécie de raciocínio formal. Em sua crítica aos pressupostos metafísicos da ideia de causalidade, ele defende que o sujeito do conhecimento opera inferências associando sensações, percepções e impressões recebidas pelos órgãos dos sentidos e retidas na memória. Deste modo, as ideias se reduzem a hábitos mentais de associação de impressões semelhantes ou sucessivas. A ideia de causalidade, portanto, apresenta-se como o mero hábito que nossa mente adquire ao estabelecer relações de causa e efeito entre percepções que se sucedem no tempo, chamando as anteriores de causas e as posteriores de efeitos. (cf. CHAUI, M. Convite à filosofia. São Paulo: Ática, 1994. p. 231.).